

THALES GUARACY

ANITA GARIBALDI

Inseparável companheira de Giuseppe Garibaldi,
guerrilheiros na América do Sul e heróis
da unificação da Itália.

Um romance
sobre a coragem





4Estações – Editora, Lda.
PAREDE – PORTUGAL

*Reservados todos os direitos, incluindo o direito de reprodução
no todo ou em parte, em qualquer suporte,
de acordo com a legislação em vigor.*

TÍTULO ORIGINAL: *ANITA*

Copyright © Thales Guaracy, 2017

TÍTULO DESTA EDIÇÃO: *ANITA GARIBALDI*

© 2018 desta edição: 4 Estações – Editora, Lda.

Direitos para a edição portuguesa
contratados com o autor através de
Villas-Boas & Moss Literary Agency & Consultancy LLC., Atlanta, Georgia, EUA

EDIÇÃO: Mário de Moura e Ione França

DESIGN DE CAPA: Fátima Cândido

IMAGEM CAPA: © Arman Zhenikeyev | Dreamstime

IMAGEM CONTRACAPA: © Anna Hristova | Dreamstime

ADAPTAÇÃO: Ana Cristina David e Silva

PAGINAÇÃO: Gráfica 99

REVISÃO DE PROVAS: Eduardo Gomes

Esta edição segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Publito – Estúdios de Artes Gráficas, Lda.

1.ª edição, Janeiro de 2018

ISBN: 978-989-8761-37-8

Dep. Legal: 434 466/17



Onde nascem os sonhos

OSILÊNCIO É A MAIOR ARTE: FOI O QUE EXPLICOU ÀQUELES QUE QUISERAM ESCREVER SOBRE ELE, QUE LHE pediram para falar da sua vida e de Anita; há coisas de que não se deve falar, disse Giuseppe a Alexandre Dumas, o grande narrador de aventuras, no tempo em que já era um monstro sagrado e nem se sabia que a sua inacreditável jornada ainda estava longe de ser concluída, com façanhas tantas e tamanhas que ao fim e ao cabo parecia mentira, ou a mais fantasiosa ficção. Há lembranças pungentes, que dilaceram o coração, mesmo para o mais forte dos homens, que viu tantas coisas terríveis; recordações que se mantêm em carne viva, capazes de levar muitos à mais explicável loucura. Coisas que guardamos para nós mesmos, como aquela dor, que só lhe interessava a ele e só discutia na sua conversa imaginária com os mortos.

Nela, estava sempre com a mulher com quem dividira tudo, há muito tempo que já não recordava muito bem os seus traços, imagem fugidia que adquiria outras formas, tantas que já não sabia bem qual era a primeira; de exato havia

o sorriso, sim, o sorriso, a mecha na testa, e o olhar. Aquela Anita quase sem rosto mostrava-se em muitos outros rostos encontrados nos caminhos, na natureza, no tempo, ou melhor, dentro dele. Surgia no sopro da brisa do mar, que evocava outras brisas de outros dias; nas estrelas, que eles tinham contemplado juntos, deitados no bivaque, junto à fogueira; no tinir dos talheres à mesa, como o metal das espadas nas lutas em que combatiam lado a lado. Assombrava-se com aquela guerreira com uma coragem que não vira em nenhum homem; mesmo nas horas mais difíceis e incertas, nos momentos mais graves, em que se perdia toda e qualquer esperança, ele procurava nela o sorriso, a sua única certeza, ou a única que importava, e ainda naquele dia era o seu recurso, halo cálido e confortador.

Sabia tudo acerca dela, mesmo do tempo em que ainda não a conhecia, pelas histórias que lhe contava, nas longas cavalgadas, na paz fragosa que sucedia as batalhas, quando se olhavam surpresos e maravilhados por ainda estarem vivos; costas descansadas no xaile de lã de carneiro, a luz da fogueira a crepitar tenuemente, os olhos negros de Anita a cintilar, abertos ao céu estrelado. Ele sentia-a, ouvia-a, via-a nua aos catorze anos, virgem selvagem a emergir do mar de Santa Catarina, o prazer de sentir a água a escorrer pelo corpo açorianiano, o sol a aquecer a pele arrepiada. Um dia, não sabia qual, pois podia ser qualquer um do ano de 1835: Anita a arrastar os pés pela areia, Anita a apanhar do chão o vestido de algodão cru, atirado sobre o corpo molhado, a caminhar até ao cavalo



amarrado no galho caído, e a agarrar a vara de salgueiro, firme e flexível, que usava como cinto. Saltou para cima do animal, montado em pelo, como as amazonas vistas pelos viajantes ancestrais no Brasil que, com ela, deixavam de ser mitológicas, e viu o homem entre as folhagens a espiá-la: o condutor jovem, grande e brutal, com quem se cruzava na estrada; conhecia o seu cheiro de cio, o seu olhar lúbrico, denúncia da índole perversa, do espírito impuro, da alma funesta.

– Que é, nunca viste?

Partiu a galope, com os cabelos molhados a bater-lhe nos ombros; ao sair da praia e chegar à estrada, um caminho estreito no meio do matagal, um carro com uma junta de bois atravessou-lhe o caminho. O condutor estava ali; segurou no freio do animal que ela montava; antecipava o momento, com a boca a espumar, a salivar, feroz.

– Anda cá!

– Solta-me!

– Andar por aí assim é uma tentação! Tens o demónio no corpo, menina, anda cá, que eu sei o que queres...

Anita contava, reproduzia as palavras com uma nota rouca, e o corpo de Giuseppe retesava-se, vivendo por ela, de novo, o momento; alerta, raivosa, implacável, possuída por uma coragem súbita, a coisa mais parecida consigo próprio que ele encontrara no mundo: aquela vontade de ferro, aquele impulso interior, aquele desejo de atravessar muralhas, saber o não sabido, vencer o invencível, chegar ao extremo e sentir o extremo de tudo.

O condutor puxou o cavalo, tentou agarrá-la pela cintura, atirá-la ao chão; ela, no entanto, bateu com os calcanhares no animal, que empinou e ambos, cavalo e amazona, desvencilharam-se da rude manápula; em vez de fugir, a mulher quase menina avançou sobre o seu atacante, o caçador transformado em caça, e num golpe de vara arranhou-lhe o rosto de sangue. Por um instante, o homem olhou, incrédulo, até sentir o líquido quente a escorrer-lhe pela face: o gosto vermelho chegou-lhe à boca antes da dor. Levantou os braços para se proteger, recuando um passo.

– Sai daqui! – vociferou ela, deixa-me em paz! Nada disto é para ti! Se tu vieres atrás de mim, corto-te a sério!

O condutor observou Anita a dar meia-volta e a lançar o cavalo sobre os bois.

– Ei! – Fez que se mexessem assustados, dando passagem.

Ela saiu do outro lado a galope, enquanto o condutor, a conter o sangue com a mão, gritava ameaças que soavam agora a uma inofensiva bazófia:

– Eu conheço-te, Aninha do Bentão! Isto não vai ficar assim! Eu hei de encontrar-te na estrada! Eu hei de encontrar-te!

Aninha do Bentão, assim a chamavam, *mas aquela já era Anita*, pensou Giuseppe; só que nem ele nem ela o sabiam ainda; tampouco a sua mãe, Maria do Bentão, na casa em Laguna, onde viviam. Dali fora embora Bentão, o marido almocreve, de uma vez para sempre, assassinado por



vingança, o que fez a sua mãe esconder-se atrás do próprio medo; em vez de honrar o marido morto ou resguardar a sua memória, preferiu dizer que ele tinha merecido; preferiu pensar que ele tinha atraído a morte. Anita não sabia a história toda, porque a mãe não lha contava; sabia que, ao morrer, Bentão, sem querer, deixara para trás a mulher, nove filhos, patos, galinhas e aquele cavalo no qual ela chegou a galope, a saltar no meio do alarido dos bichos, assustados no adro.

A casa era feita de taipa e chão de terra batida; o sol que entrava pela janela fazia brilhar o pó suspenso no ar, ouro dos pobres. Na cozinha, o fumo do fogão a lenha enegrecia o telheiro sobre as vigas de madeira pesada; um canto servia de altar, com imagens de santos e velas votivas que a mãe acendia com mãos torturadas. Ao redor da mesa de centro, uma peça comprida, de madeira nua, brincavam os seus oito irmãos; à cabeceira sentava-se Maria do Bentão, de vestido negro de luto, com o tio Ant3nio, vindo de Lages, no interior do Estado, a duzentos quil3metros, para o funeral; interrompeu a conversa ao ver chegar a filha a toda a brida.

– Por onde andaste, Aninha?

Ela explicou, contou-lhe sobre o condutor, do susto e de como tinha reagido.

– Bati-lhe na cara – enfatizou ela. – Se pudesse, mata-va-o.

Thales Guaracy, romancista, jornalista e editor brasileiro, nasceu em São Paulo a 15 de março de 1964.

Sem deixar o jornalismo, lançou-se como romancista em 1998, com *Filhos da Terra*, saga da imigração italiana no final do século XIX no interior de São Paulo e, mais tarde, *O Homem que Falava com Deus* (2003), uma reconstituição contemporânea da história bíblica de Moisés. Em 2005, lançou *A Quinta Estação*, reflexão sobre o amadurecimento emocional masculina em cinco contos de amor.

Thales devolveu a literatura brasileira aos grandes épicos, com engenhosa narrativa e um espírito investigador sobre temas universais como a família, a amor e outras questões essenciais da vida humana.



www.castordepapel.pt